

Hortifruti **Brasil**

Uma publicação do CEPEA - USP/ESALQ
Ano 4 - Nº 45 -Abril de 2006



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

A Hortifruti Brasil
lança um estudo
inédito e exclusivo
que revela os
produtos com
maior crescimento
nas negociações
internacionais

TOP 10

FORUM[®]

Fechou o tempo. Aplique Forum.

- Comprovada eficiência no manejo da Requeima nos períodos mais críticos.
- Total seletividade à cultura.
- Alta performance com maior período de controle da doença.

Cultivando Inovação,
Criando Valor

 **BASF**

The Chemical Company

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por terceiros de idade

Consulte
sempre um
Engenheiro
Agrônomo



Venda
sob
receituário
Agrônomo

PARTECIPANDO DO MANEJO INTEGRADO

 FALE COM A BASF: 0800 0192 500
www.agro.basf.com.br agro@basf.com

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NO MERCADO MUNDIAL AINDA É MUITO PEQUENA

Apesar de os embarques nacionais de hortifrutícolas terem crescido 120% entre 2000 e 2004, em receita, a participação brasileira no mercado mundial de frutas e hortaliças ainda é ínfima: inferior a 1%. É fundamental ao País aumentar seus embarques para ter uma presença forte no comércio mundial desses produtos.

Em 2000, o mercado mundial de hortifrutícolas frescos, que engloba 54 itens na classificação da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO/ONU), movimentou cerca de US\$ 45 bilhões. Em 2004, os mesmos itens movimentavam US\$ 65 bilhões. E a tendência é que esse mercado cresça cada vez mais.

Mesmo não sendo competitivo internacionalmente em muitos desses 54 produtos, o Brasil pode buscar alternativas de comercialização de frutas e hortaliças que mude essa situação. O grande desafio é encontrar alternativas de comercialização de frutas e hortaliças que possibilitem uma remuneração adequada ao setor.

Um indicador que pode facilitar a escolha dos melhores produtos para se investir é o crescimento do comércio mundial de cada produto, em receita absoluta, nos últimos anos. Assim,

a **Hortifruti Brasil** criou *rankings* dos dez hortifrutícolas que mais cresceram, em milhões de dólares, nas principais regiões compradoras do mundo: os TOP 10 Hortifruti. Esses *rankings* serão atualizados a cada dois anos, tão logo sejam divulgados os dados de comércio mundial da FAO, utilizados como base do estudo. A intenção é aperfeiçoar a metodologia para que esse indicativo balize investimentos em novos produtos para a nossa pauta de exportação.

Nesta primeira análise, observamos diversas oportunidades para o País. Uma boa sugestão para os produtores seria avaliar a possibilidade de exportação de produtos como pimenta, abacaxi e mirtilo.



Bruna Boaretto Rodrigues é a responsável pelo estudo sobre o comércio mundial de hortifrutícolas publicado nesta edição.

EXPEDIENTE

A **Hortifruti Brasil** é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/ESALQ

Editor Científico:
Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Econômica:
Margarete Boteon

Editora Executiva:
Carolina Dalla Costa

Diretor Financeiro:
Sergio De Zen

Jornalista Responsável:
Ana Paula da Silva - MTb: 27368

Revisão:
Ana Júlia Vidal e Paola Garcia Ribeiro

Equipe Técnica:
Adriana Carla Passoni, Bianca Cavicchioli, Bruna Boaretto Rodrigues, Carolina Dalla Costa, Daiana Braga, Francine Pupin, João Paulo B. Deleo, Marcelo Costa Marques Neves, Margarete Boteon, Magarita Mello, Rafaela Cristina da Silva, Renata E. Gaiotto Sebastiani, Rodrigo E. Martini e Thiago L. D. S. Barros.

Apoio:
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
Thiago Luiz Dias Siqueira Barros

Tiragem:
8.000 exemplares

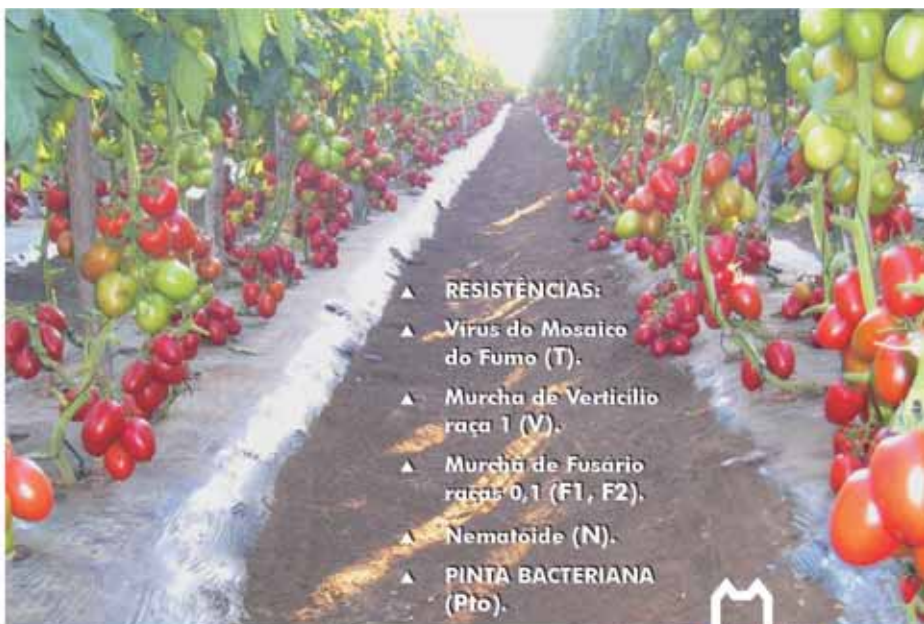
Contato:
C.Postal 132 - 13400-970 Piracicaba, SP
Tel: 19 3429-8809
Fax: 19 3429-8829
hfbrasil@esalq.usp.br
<http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil>

A revista **Hortifruti Brasil** pertence ao Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/Esalq. A reprodução de matérias publicadas pela revista é permitida desde que citados os nomes dos autores, a fonte Hortifruti Brasil/Cepea e a devida data de publicação.

Tomate Híbrido (Sun 7705) Pizzadoro

- ▲ **Crescimento Indeterminado.**
- ▲ **Frutos do tipo Saladete.**
- ▲ **Coloração Intensa.**
- ▲ **Ótimo Sabor.**
- ▲ **Excelente Pós-Colheita.**

Para quem aprecia
Qualidade à mesa!



- ▲ **RESISTÊNCIAS:**
- ▲ **Vírus do Mosaico do Fumo (T).**
- ▲ **Murcha de Verticillio raça 1 (V).**
- ▲ **Murcha de Fusário raças 0,1 (F1, F2).**
- ▲ **Nematóide (N).**
- ▲ **PINTA BACTERIANA (Pt0).**



Capa 05



A Hortifruti Brasil traz um estudo inédito sobre a comercialização global dos hortifrutícolas e lança os TOP 10 Hortifruti de cada região.

Fórum 25

Importadores comentam os dados levantados pela Hortifruti Brasil e avaliam as possibilidades para as suas regiões.

14 Cebola

15 Tomate

16 Batata

18 Banana

19 Mamão

20 Melão

21 Manga

22 Uva

24 Citros



CONSUMO DE FLV

Estou procurando dados sobre o consumo de FLV em Campinas e região segregados por classe econômica. Já procurei em várias fontes e não consigo encontrar. Você já fez alguma reportagem relacionada a este tema ou possui dados que possam me ajudar?

Renata Torres
renata.torres@gmail.com

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em parceria com o Ministério da Saúde, publicou no final de 2004 a última edição da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF). Baseada em visitas a mais de 48 mil domicílios de áreas urbanas e rurais de todo o País, entre julho de 2002 e junho de 2003, a pesquisa traz informações sobre o consumo de diversos produtos divididos por classe econômica. Busque por esse material em Orçamento Familiar no site do IBGE: www.sidra.ibge.com.br ou entre em contato com o Instituto através do telefone: 0800-218181.

FALE COM NOSSOS ANALISTAS

A Hortifruti Brasil lançou um canal de comunicação direta com cada um de nossos analistas. [No canto superior de cada Seção](#) você encontra o nome do analista responsável por aquele produto e seu e-mail. Entre em contato. Estamos à disposição para auxiliá-lo.

Confira o e-mail enviado ao analista de banana, responsável pela elaboração da última *Matéria de Capa* sobre investimentos em agricultura:

Caro Marcelo,

Gostaria de adquirir terras visando o plantio de frutas para a fabricação de compotas e geléias. As culturas que tenho em mente são: laranja, pêssego, goiaba, ameixa, jaboticaba, figo, mamão, abóbora, maçã e maracujá. Sou de São Paulo (SP), vi áreas próximas à rodovia Raposo Tavares e percebi que esta é uma região montanhosa. É adequado investir nessa área? Seria melhor empreender em regiões próximas às rodovias Anhanguera e Bandeirantes?

Giselle Scalabrin
giselle.scalabrin@ig.com.br



Marcelo Costa Marques Neves
bananacepea@esalq.usp.br

HORTIFRUTI BRASIL ON-LINE @

Quer que as melhores notícias da hortifruticultura cheguem fresquinhas a você?

Fique de olho em nosso site:

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

Nele, você encontra a última edição da **Hortifruti Brasil** atualizada todo DIA 10 e ainda pode receber a publicação na íntegra em sua caixa de mensagens. Cadastre-se!

A resposta à sua pergunta não é muito simples, pois envolve a união de várias culturas com características diferentes. Para escolher uma região, pensando no lado agrônomo, é preciso conhecer o tipo de solo, a declividade do terreno, a pluviosidade, a temperatura, a insolação etc da área. Como você quer trabalhar com várias frutas, será difícil encontrar uma região que seja adequada a todas. Na verdade, o melhor que você poderia fazer seria adquirir a matéria-prima de produtores especializados em cada uma dessas culturas e investir na fabricação de suas geléias e compotas. Seria mais fácil e menos arriscado. Conforme seu empreendimento fosse crescendo, você poderia escolher uma ou outra fruta que tivesse dificuldade em encontrar e iniciar seu cultivo. Na Esalq/USP existe um grupo que trabalha com esse tipo de projeto, o Esalq Júnior Consultoria. O telefone da equipe é: (19) 34294399

TOP 10

A Hortifruti Brasil lança um estudo inédito e exclusivo sobre o comércio mundial de hortifrutícolas e mostra os 10 produtos com maior crescimento nas negociações internacionais

Por Bruna Boaretto Rodrigues

A Hortifruti Brasil desenvolveu um estudo inédito e exclusivo sobre o mercado mundial e apresenta *rankings* com as dez frutas e hortaliças com maior potencial de comercialização nas principais regiões consumidoras do mundo (Estados Unidos, Japão, Canadá e União Européia): o TOP 10 Hortifruti.

A base para traçar tal panorama foram os dados de exportação e importação divulgados anualmente pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO/ONU). De uma lista com mais de 50 itens, foram elencados os dez hortifrutícolas que registraram maior crescimento em importação entre 2000 e 2004, em termos de receita, por região.

Essa classificação permite avaliar quais frutas e hortaliças apresentam maior potencial no comércio internacional, auxilia o planejamento de plantio e indica oportunidades para o setor brasileiro. A extensão geográfica do nosso País e a tecnologia disponível atualmente nos permitem produzir qualquer hortifrutícola, inclusive durante a entressafra de outros países produtores.

Em 2004, por exemplo, o comércio global de frutas e hortaliças movimentou cerca de US\$ 65 bilhões, mas estimativas indicam que a participação do Brasil neste mercado é inferior a 1%. Isso indica que, o Brasil ainda tem baixa inserção neste mercado e pouca competitividade frente aos nossos principais concorrentes.

Diante desse número, parece fundamental termos um planejamento de produção e comercial voltado a ofertar produtos cuja demanda externa seja alta, evitando aumentar a produção daqueles com demanda estável ou negativa.

Aliado a isso, o setor hortifrutícola brasileiro deve cobrar o avanço do governo em acordos comerciais bilaterais, principalmente com o NAFTA (Tratado de Livre Comércio da América do Norte). Assim, a possibilidade de o País ampliar suas negociações internacionais aumentaria, com chances de maior rentabilidade.

Um dado positivo para o País é que, em termos gerais, as exportações nacionais de hortifrutícolas cresceram duas vezes mais que a média mundial entre 2000 e 2004, alavancando nossa participação do mercado internacional. Enquanto a média mundial de crescimento no período foi de 50%, a do Brasil foi de 120%.

Norte-americanos buscam alimentação saudável

Nos Estados Unidos, houve crescimento nas compras tanto de frutas quanto de hortaliças, com o tomate no primeiro lugar do TOP 10 Hortifruti do país, seguido pelos pimentões e pimentas e pela uva.

O crescimento da população hispânica nos Estados Unidos é um dos principais responsáveis pelo maior consumo de tomates no país. Isso porque a tradicional culinária hispânica leva tomate em boa parte de seus pratos, que além de agradar os imigrantes e seus descendentes, caiu no gosto da população norte-americana. Uma significativa parcela do tomate importado pelos norte-americanos é proveniente do México e do Canadá.

Os demais produtos que tiveram crescimento também elevado na pauta dos norte-americanos foram: pepino, abacaxi, maçã, aspargo, *blueberry* (mirtilo), melancia e mamão.

O aumento das importações norte-americanas de hortifrúti reflete ainda a busca da população local por dietas saudáveis, incentivadas por campanhas como a do “5 ao dia”, que estimula o consumo de cinco porções de frutas e vegetais por dia. A meta do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), um dos responsáveis pelo projeto, é que até 2010 pelo menos 75% dos norte-americanos aumentem seu consumo diário de frutas e vegetais para pelo menos cinco porções ao dia.

Outros fatores que contribuem com essa reviravolta no padrão alimentar do norte-americano, segundo um estudo realizado pelo USDA, em 2005, são o envelhecimento da população, o aumento da renda e do nível educacional do cidadão e ainda a influência da crescente imigração asiática e hispânica para o país.

O documento elaborado pelo USDA mostra ainda que o consumo de diversos hortifrúti deve continuar crescendo no país pelo menos até 2020. A única exceção dos produtos analisados pelo Departamento

são as batatas fritas e *chips* e outros tipos de batata bastante consumidos pela população atualmente, mas em declínio nos cardápios devido ao elevado índice calórico.

A perspectiva é que o consumo *per capita* de batatas fritas e *chips* reduza aproximadamente 8% até 2020, enquanto que o de alface e de outros vegetais cresça cerca de 5% e 4%, respectivamente. Para a uva, é previsto um consumo 5% maior e para a maçã, 7% mais elevado.

Considerando que em 2004, a população norte-americana era de 300 milhões de pessoas e que, em 2020, serão 335 milhões, segundo o censo do governo dos Estados Unidos, as importações de frutas e hortaliças do país devem crescer a fim de atender o aumento da demanda.

Essa tendência faz com que os supermercados locais se preocupem

VALOR MOVIMENTADO
PELOS PRODUTOS TOP 10 HORTIFRUTI
ESTADOS UNIDOS:
US\$ 4 bilhão (em importação, 2004)

CRESCIMENTO DOS TOP 10
HORTIFRUTI ESTADOS UNIDOS:
76% ou 1,5 bilhão (2004/2000)

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NOS TOP 10
HORTIFRUTI ESTADOS UNIDOS:
pouco mais de 1% (2004)



TOP 10 Hortifruti Estados Unidos

Hortifrutícolas que mais se destacaram nas importações norte-americanas entre 2000 e 2004 (em crescimento de receita absoluta)

- 1 tomate
- 2 pimentão e pimentas
- 3 uva
- 4 pepino
- 5 abacaxi
- 6 maçã
- 7 aspargo
- 8 blueberry (mirtilo)
- 9 melancia
- 10 mamão

Fonte: Cepea/Hortifruti Brasil



em oferecer produtos de qualidade e passem a buscar por eles até mesmo em outras origens, para que a oferta se torne uniforme ao longo do ano.

As principais redes de *fast food* dos Estados Unidos também inseriram saladas verdes e iogurtes com frutas em seus cardápios de olho no novo comportamento

do consumidor. Crianças, que geralmente têm maior rejeição à hortifrutícolas, ganharam pratos especiais como maçãs pré-cortadas e descascadas, sucos e *baby-carrots* (mini-cenouras).

Dos produtos listados no *ranking* norte-americano, o que mais chama a atenção pelo tamanho de suas importações é o *blueberry*, ou mirtilo, como é chamado aqui no Brasil. As importações norte-americanas cresceram mais de 150% em receita entre 2000 a 2004, segundo dados da FAO. Em 2004, os norte-americanos adquiriram de outros países cerca de US\$ 100 milhões desta fruta.

O mirtilo é ainda pouco conhecido no Brasil e é comercialmente cultivado principalmente no Rio Grande do Sul, uma vez que a cultura exige clima frio. A produção nacional é pequena e, segundo o USDA, não exportamos essa fruta aos Estados Unidos desde 2000.

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) – Clima Temperado, após participar do 3º Seminário Internacional de *Blueberry*, em Buenos Aires, na Argentina, concluiu que apesar de possuímos uma área de plantio reduzida, nossas pesquisas sobre a cultura estão bem mais avançadas

que nos países vizinhos, uma vez que estudamos o produto desde 1980.

O principal fornecedor de mirtilos ao mercado norte-americano é o Canadá, mesmo com o crescimento das exportações de outros países como China, Rússia, México e Chile.

Somente no mercado de mamão, o Brasil teve participação um pouco mais significativa, porém ainda reduzida - o maior exportador desta fruta para os Estados Unidos é a Jamaica. O que pode contribuir futuramente com participação nacional nesse mercado é a autorização do governo norte-americano para que o Sul da Bahia e o Rio Grande do Norte passem a exportar o fruto para o país. A liberação norte-americana foi oficializada em 2005, após três anos de negociações.

Os produtores dessas regiões vinham se adaptando às exigências norte-americanas para a eliminação da mosca-das-frutas, através da implantação do Sistema de Minimização de Riscos (*System Approach*) e devem enviar as primeiras cargas de mamão aos Estados Unidos ainda em 2006. Por enquanto, o Espírito Santo continua sendo o maior exportador nacional da fruta para o Estados Unidos.

No caso do abacaxi, o Brasil ainda tem um espaço muito reduzido tanto no mercado norte-americano quanto global, mesmo sendo um dos principais produtores mundiais. A produção e comércio da fruta ainda enfrentam problemas fitossanitários, de pós-colheita e requerem urgência na implementação de sistemas de produção integrados para ampliar o seu mercado externo.

A Costa Rica, maior fornecedor de abacaxi aos norte-americanos, produz praticamente metade que o Brasil. As importações totais norte-americanas de abacaxi cresceram cerca de 70%, em receita, entre 2000 e 2004, contabilizando US\$ 267 milhões com a compra da fruta somente em 2004, segundo o USDA.

¹No estudo desenvolvido pela **Hortifruti Brasil**, a participação brasileira no total importado pelas regiões consideradas é uma representação aproximada, visto que os dados nacionais indicam a receita obtida no porto brasileiro (valor FOB) e não incorporam o custo de logística (frete + encargos) até o destino (valor CIF). Já os cálculos dos países compradores são baseados na receita de importação e podem incorporar os custos de logística (frete + encargos) (valor CIF). A participação da receita brasileira no total importado pelo país consumidor indica um market share estimado, utilizado neste estudo a título de ordem de grandeza, e não pode ser considerada uma estimativa apurada do número.

União Européia: um mercado de US\$ 7 bilhões

A União Européia é a maior compradora de frutas e vegetais do mundo. Sua alta demanda por hortifrutícolas frescos ao longo do ano depende da importação.

Com a queda das barreiras alfandegárias entre os países que compõem a União Européia, o comércio entre nações do bloco foi intensificado, estimulando a “re-exportação” de diversos produtos, inclusive hortifrutícolas, na região. Para eliminar esse efeito na composição do *ranking* da **Hortifrutí Brasil**, foi excluído, portanto, o comércio entre países do próprio bloco.

A banana aparece em primeiro lugar do TOP 10 Hortifrutí União Européia. Entre 2000 e 2004, o bloco elevou suas compras em 87%. Em 2004 importou US\$ 3,3 bilhões a mais de frutas e hortaliças que em 2000.

O bloco é o maior comprador mundial de banana e adquiriu em 2004 cerca de US\$ 3 bilhões do produto. Entretanto, o Brasil ainda têm uma participação irrisória nesse valor. Isso, mesmo tendo direcionado 55% de suas exportações de banana para o bloco em 2004, se deve à política de cotas vigente na Europa até o final de 2005, que desfavorecia a entrada da fruta brasileira na região. A partir do início deste ano, porém, um novo sistema para a importação européia de bananas entrou em vigor, após longas negociações na Organização Mundial do Comércio (OMC). As cotas anteriores foram banidas, e a tarifa cobrada por tonelada de banana enviada ao bloco, reduzida. Mesmo assim, as ex-colônias européias da África, do Caribe e do Pacífico, as ACP's, continuam isentas de qualquer tarifa no envio da fruta a União Européia.

O novo sistema deve estimular grandes exportadoras nacionais a investir no mercado europeu. Não há mais um limite para os embarques e, independente do volume enviado, a tarifação é a mesma.

O segundo produto com maior crescimento nas compras européias é a maçã - as impor-



tações cresceram 119%, em valor, entre 2000 e 2004. Neste período, as exportações brasileiras para a região cresceram expressivos 146%, em receita. A maçã é a que apresenta a maior participação brasileira nos TOP 10 Hortifrutí União Européia. Dentre todas as regiões e produtos pesquisados pela **Hortifrutí Brasil**, esta é a situação na qual o País obteve o melhor desempenho.

A maçã é exemplo de atendimento às normas internacionais de fitossanidade graças ao sistema de Produção Integrada de Maçãs (PIM), hoje imprescindível às exportações da fruta à Europa. É também para esta cultura que se encontram o maior número de produtores certificados ou em processo e a maior área certificada ou em processo de certificação do Brasil.

A uva, terceiro produto no ranking europeu, teve crescimento de 79% das compras européias (fora do bloco), enquanto que as vendas brasileiras para a região cresceram 350%, entre 2000 e 2004. Em 2004, o Brasil participou com 6% do total de uva adquirido pela União Européia fora da sua comunidade, e a previsão é que esse percentual tenha aumentado em 2005, com o desempenho recorde de exportação.

No 8º lugar do *ranking* de crescimento de compras européias está a batata, tida como base da dieta alimentar no Reino Unido e em grande parte da Europa. As importações

TOP 10 Hortifruti União Européia

Hortifrutícolas que mais se destacaram nas importações europeias entre 2000 e 2004 (em crescimento de receita absoluta)

- 1 banana
- 2 maçã
- 3 uva
- 4 abacaxi
- 5 laranja e tangerina
- 6 kiwi
- 7 cereja
- 8 batata
- 9 pêra
- 10 pimentões e pimentas

Fonte: Cepea/ Hortifruti Brasil



VALOR MOVIMENTADO
PELOS PRODUTOS TOP 10 HORTIFRUTI
UNIÃO EUROPÉIA:
US\$ 7 bilhões (em importação, 2004)

CRESCIMENTO DOS TOP 10
HORTIFRUTI UNIÃO EUROPÉIA:
87% ou US\$ 3,3 bilhão (2004/2000)

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NOS TOP 10
HORTIFRUTI UNIÃO EUROPÉIA:
pouco mais de 2% (2004)

da hortaliça fresca, em valor, aumentaram quase 110% entre 2000 e 2004, mas o Brasil não apresentou nenhuma participação neste mercado.

O ranking europeu é predominantemente formado por frutas de clima temperado, sendo que o abacaxi e a banana são as únicas frutas tropicais que aparecem entre as 10 mais importadas. A banana, já é velha conhecida dos consumidores, que têm o hábito de comprá-la periodicamente.

Assim como nos Estados Unidos, o consumo de frutas e vegetais na União Européia está aumentando. No entanto, ainda é preciso estimular essa população a consumir com frequência outras frutas tropicais além da banana, que não fazem, tradicionalmente, parte da sua dieta.

Dois produtos que têm destaque na balança de exportação das frutas brasileiras para a União Européia e não apareceram neste ranking são a manga e o mamão. A exclusão destes produtos no TOP 10 Hortifruti União Européia se deve ao seu baixo acréscimo em receita entre 2000 e 2004 frente aos outros produtos destacados no ranking. Mesmo assim, a participação brasileira neste comércio é elevada.

O Instituto Brasileiro de Frutas (Ibraf) e o governo brasileiro têm promovido as frutas brasileiras na Europa há algum tempo através do programa *Brazilian Fruit*, que em 2000 foi ampliado, incluindo polpas, recebendo um novo nome: *Brazilian Fruit Festival*. O ponto-chave do programa é atrair os consumidores europeus através de estandes em supermercados, e fidelizá-los à fruta brasileira. Mas para que as frutas brasileiras sejam um sucesso no exterior, é preciso que a cadeia produtiva se organize a fim de ofertar um produto com qualidade satisfatória e de maneira contínua.

Brasil aproveita pouco o mercado canadense

No Canadá, as frutas também predominam o *ranking* de importações, em detrimento das hortaliças. No país, existem aproximadamente 16 mil produtores de frutas, segundo o Departamento de Agricultura do Canadá (*Agri-Food Canada*). A maçã é responsável pela maior parte da produção frutícola do país, e os produtores contam com um avançado sistema de estocagem em atmosfera controlada, que os permite regular a oferta ao longo do ano.

Na seqüência do *ranking* de produção canadense aparece o mirtilo (ou *blueberry*), em segundo lugar, seguido, respectivamente, pela uva, pela *cranberry*, pelo morango e pela *raspberry*. As "berries" - *blueberry*, *cranberry* e *raspberry* - são largamente cultivadas com foco no mercado internacional.

Apesar de produzida no Canadá, a uva lidera o ranking de crescimento de importações, em valor. Segundo o Agri-Food, em dezembro de 2005, a uva foi o sexto produto mais importado do país no segmento de alimentos e bebidas.

Alface, tomate, pimentão e pimentas e cebola figuram entre as hortaliças que obtiveram maior crescimento de importação em valor. Apesar de a tecnologia de produção de tomates no Canadá ser alta, com grande produtividade em casas de vegetação, a produção local corresponde a menos de 11% da colheita do México, segundo dados da FAO. No Canadá, há uma crescente demanda por hortaliças, principalmente por repolho, alface, couve-flor e couve-de-bruxelas, segundo a *Agri-Food*, que estão sendo mais produzidas e se tornando cada vez mais populares nos supermercados locais.

TOP 10 Hortifruti Canadá

Hortifrutícolas que mais se destacaram nas importações canadenses entre 2000 e 2004 (em crescimento de receita absoluta)

- 1 uva
- 2 morango
- 3 alface
- 4 tomate
- 5 pimentão e pimentas
- 6 maçã
- 7 abacaxi
- 8 banana
- 9 laranja e tangerina
- 10 cebola

VALOR MOVIMENTADO PELOS PRODUTOS TOP 10 HORTIFRUTI CANADÁ:
US\$ 1,6 bilhão (em importação, 2004)

CRESCIMENTO DOS TOP 10 HORTIFRUTI CANADÁ:
42% ou US\$ 490 milhões (2004/2000)

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NOS TOP 10 HORTIFRUTI CANADÁ:
quase 0% (2004)

O tempo variável do Canadá tem estimulado a inovação e avanços tecnológicos que permitam produzir diversos vegetais ao longo do ano. No entanto, impede que o país possa cultivar outros tipos de frutas muito demandadas, como as tropicais. No Canadá, assim como nos Estados Unidos, há também uma grande tendência de a população adotar dietas mais saudáveis, aumentando o consumo de frutas e vegetais, o que representa para o Brasil, oportunidades de expansão das exportações para este mercado.

Exigências limitam embarques para o Japão

Em estudo publicado em 2005, o USDA aponta que as frutas mais consumidas no Japão, em valor, com base em dados do atacado, são a laranja, o morango, a maçã, a uva, a banana, a melancia, a pêra e o pêssego. Todas, com exceção à melancia, são produzidas no próprio país, mas, ainda assim **o crescimento das importações japonesas, como mostra o TOP 10 Hortifruti Japão, sinaliza o avanço da demanda japonesa por frutas tropicais como banana, abacaxi, abacate e manga.**

O país, possui condições desfavoráveis à cultura de frutas, incluindo o relevo acidentado e limitada área cultivável - somente 12% do total, sendo apenas 0,96% ocupada com culturas perenes, segundo dados de 2005 do *FactBook*, relatório anual da Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA). Apenas 1,3% do PIB japonês é gerado pela agricultura.

Ainda assim, o Japão é auto-suficiente no cultivo de arroz, graças aos elevados subsídios do governo à agricultura. Já o plantio de vegetais, no qual o país já foi auto-suficiente, tem apresentado sucessivos declínios devido ao envelhecimento da população rural e do baixo interesse dos jovens pelas atividades agrícolas. Além disso, a produtividade das lavouras vem decrescendo sistematicamente em decorrência do clima úmido e instável do país.

Frente a esses dados, é possível concluir que a dependência japonesa para suprir sua demanda por frutas e alguns vegetais, principalmente frutas tropicais, tende a aumentar. No entanto, o envio de frutas ao Japão é extremamente difícil devido a rigorosas exigências fitossanitárias impostas pelo governo e pelo protecionismo aos produtos locais. As negociações para a abertura do comércio de determinado produto são longas e os investimentos ne-

cessários à adequação do cultivo e da pós-colheita às normas japonesas, altos. Como exemplo, tome-se o caso da manga brasileira. As negociações para entrada no mercado japonês duraram mais de 20 anos e resultaram em embarques irrisórios no primeiro ano de comercialização (2005), apesar de apresentar um crescimento animador neste segundo ano de envio. Nota-se que esse mercado, embora rentável, fica restrito a poucos produtores, que dispõem de recursos para tais investimentos. Atualmente, os maiores parceiros comerciais do Japão são a Ásia e a América do Norte.

TOP 10 Hortifruti Japão

Hortifrutícolas que mais se destacaram nas importações japonesas entre 2000 e 2004 (em crescimento de receita absoluta)

- 1 kiwi
- 2 gengibre
- 3 banana
- 4 abacaxi
- 5 abacate
- 6 pimentão e pimentas
- 7 cebola
- 8 manga
- 9 melão
- 10 uva

Fonte: Cepea/ Hortifruti Brasil

VALOR MOVIMENTADO PELOS PRODUTOS TOP 10 HORTIFRUTI JAPÃO:

US\$ 1,2 bilhão (em importação, 2004)

CRESCIMENTO DOS TOP 10 HORTIFRUTI JAPÃO:

21% ou US\$ 216 milhões (2004/2000)

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NOS TOP 10 HORTIFRUTI JAPÃO:

quase 0% (2004)



Pimenta esquentamercado mundial

O produto que apresentou crescimento em importações, em valor, nas quatro regiões analisadas foi a pimenta. O grupo que abrange as pimentas tipo dedo-de-moça e pimentões registrou crescimento nas importações europeias de 101%, em valor, de 2000 a 2004.

Esse aumento nas compras do produto é resultado da disseminação da culinária asiática pela América do Norte e Europa, e da forte influência hispânica nos Estados Unidos. Além disso, estudos apontam que consumidores norte-americanos estão mais interessados em experimentar novas culinárias, como a indiana, estimulando a demanda por temperos, ervas e pimentas. A participação do Brasil nesse crescimento, no entanto, é nula, uma vez que a produção nacional é cultivada, em sua maioria, por pequenos agricultores voltados ao mercado interno, sem organização suficiente para deslanchar na comercialização internacional.

Um dos poucos exemplos da participação brasileira no mercado mundial de pimenta é a exportação da pimenta malagueta em pasta. Amassada com sal, o produto é enviado aos Estados Unidos e ao México, onde

é processado e transformado em um molho de pimenta extremamente picante, curiosamente importado pelo Brasil.

No Brasil, o interesse pela hortaliça também tem crescido devido a sua versatilidade culinária - utilizada no preparo de temperos, conservas, óleos, geléias, bombons e licores de pimenta doce - e também para arranjos ornamentais e na produção de *sprays* de defesa pessoal. Como se não bastasse, a pimenta ainda faz bem à saúde e pode ser indicada como remédio natural para artrite, má-digestão, problemas circulatórios, além de ter três vezes mais vitamina C do que a laranja.

Os maiores consumidores de pimenta do mundo são os países asiáticos, praticamente auto-suficientes na sua produção. Os poucos países da região que dependem de algum volume externo do produto dão preferência à importação da pimenta também produzida em países asiáticos, reflexo da cultura local.

No ocidente, o maior produtor de pimenta e pimentões é o México. No entanto, o país não é o maior exportador do produto na região. A Holanda toma esse posto (incluindo as re-exportações), seguida da Espanha e só então o México entra no *ranking* dos maiores exportadores do produto.

Brasil perde muitas oportunidades num mercado de US\$ 14 bilhões

Apesar de as exportações brasileiras terem se elevado em porcentagem superior à média mundial, entre 2000 e 2004, o País apresentou baixa inserção nas importações das frutas e hortaliças com maior crescimento na compras, em valor, das principais regiões consumidoras do mundo.

Todos os produtos destacados nos TOP 10 Hortifruti das quatro regiões movimentaram juntos US\$ 14 bilhões, em 2004, ao passo que as exportações brasileiras destes produtos para as regiões analisadas ficaram abaixo de US\$ 200 milhões, no período.

A uva, o abacaxi e os pimentões e pimentas foram os produtos que apareceram nos quatro *rankings* divulgados pela **Hortifruti Brasil**. Destes três, o melhor desempenho brasileiro foi com a uva, que obteve um aumento, em receita, superior à taxa de crescimento das importações desta fruta nos Estados Unidos, União Européia e no Canadá, entre 2000 e 2004, em valor.

No caso do abacaxi, o Brasil está concentrando seus embarques para a União Européia, mas as vendas brasileiras para o bloco em comparação ao total importado ainda são irrisórias - inferior a 1%, em 2004. A boa notícia é que o Brasil elevou suas vendas em torno de 1.000%, entre 2000 e 2004, enquanto o crescimento das importações de

abacaxi na União Européia foi de 150%.

O mesmo é válido para as exportações de pimenta e pimentão. O comércio brasileiro externo se concentra na União Européia, o crescimento das exportações brasileiras também foi superior a média mundial, e a participação do País nas importações européias ainda é pequena, menor do que a do abacaxi.

Além da baixa participação no comércio bilionário de frutas e hortaliças, o Brasil gera sua receita basicamente através das vendas de frutas à União Européia. Além da necessidade de ampliar o comércio de produtos pouco explorados com o bloco europeu, há ainda muito o que conquistar junto aos norte-americanos e canadenses.

No Canadá, o comércio dos TOP 10 Hortifruti, em 2004, movimentou US\$ 1,6 bilhão, mais que os US\$ 1,4 bilhão gerado pelo tão almejado mercado japonês. O valor importado pelos canadenses também ficou acima do registrado no mercado chinês - excluído deste estudo por ter movimentação financeira dos TOP 10 Hortifruti de 2004 menor que a de 2000, diminuindo a atratividade desse mercado. Essa informação ressalta a necessidade de uma política de acordo comercial bilateral mais focada no continente norte-americano que no asiático, onde o crescimento das importações de frutas e hortaliças é menor. ■



hortiCeres
sementes



Prioridade em pesquisa de hortaliças tropicais.



Alfaca Crespa Amanda



Tomate Híbrido Stylus



Pimentão Híbrido Priscila



Cebola Bola Precoce



Menor oferta no Sul valoriza bulbo da região



Importações começam devagar



Safra sulista na reta final

No início de março, as lavouras de cebola do Sul saíram do pico de oferta, reduzindo o volume disponível e impulsionando os valores do bulbo. Nas roças de Santa Catarina, a crioula foi comercializada a R\$ 0,43/kg, em média, no último mês, alta de 16% frente à média de janeiro e fevereiro. Apesar de a diminuição da oferta sulista ter impulsionado os preços no último mês, muitos agentes não acreditam que o bulbo possa ser ainda mais valorizado em abril. Isso porque o volume de cebola argentina importada pelo Brasil deve aumentar neste mês, elevando a oferta do produto no mercado nacional. Além disso, o câmbio mais favorável deste ano pode refletir na maior entrada do produto argentino no Brasil. No final de março, restava apenas cerca de 30% do total produzido em Santa Catarina para ser comercializado. No Paraná e no Rio Grande do Sul, o volume estocado no final do último mês era ainda menor e não chegava a 20% da produção. Devido ao longo período de armazenamento da cebola gaúcha e paranaense, houve depreciação do produto, o que limitou as vendas locais. Nas últimas semanas de março, o volume de descarte nas lavouras de São José do Norte (RS)

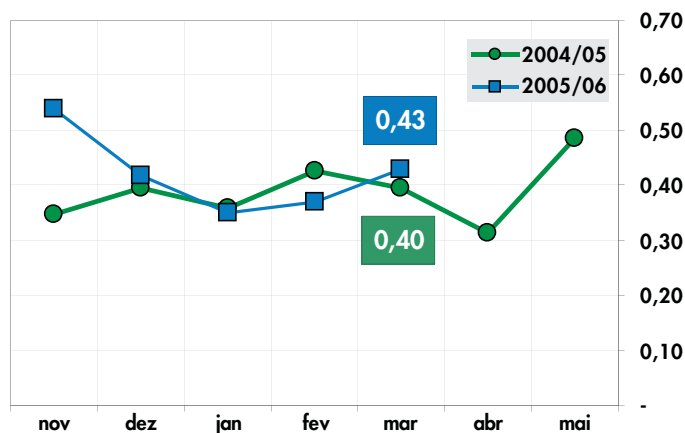


Irecê intensifica colheita e Vale do São Francisco investe no plantio

Em meados de março, o plantio da ipa foi finalizado em Irecê (BA), e os agentes passaram a se dedicar ao cultivo das híbridas, iniciado no final do último mês. Acredita-se que a área total cultivada em Irecê nesta safra (variedades híbridas e tradicionais) deva ser 20% menor que a do mesmo período de 2005, visto que a maior parte dos cebolicultores locais teve prejuízos na safra do primeiro semestre do ano anterior e limitou o plantio. Além disso, a falta de chuvas no início do ano também dificultou o cultivo do bulbo. No Vale do São Francisco (BA), o clima tornou-se mais favorável à cebolicultura no final de março, em virtude da chegada das chuvas. Assim, produtores que ainda não haviam realizado plantios antecipados puderam investir nos cultivos tardios. Já aqueles que semearam cultivares precoces entre o final de 2004 e o início deste ano estão transplantando as mudas às lavouras e devem iniciar a colheita a partir de maio. No entanto, o clima extremamente seco durante o desenvolvimento do bulbo - entre dezembro de 2005 e abril deste ano - pode elevar a ocorrência de cebolas miúdas e diminuir a produtividade nessas roças mais precoces frente ao último ano.

Importações ainda são pouco expressivas

As importações de cebola da Argentina começaram no início de março, mas o volume enviado ao Brasil no último mês foi considerado muito pequeno para esta época do ano por agentes nacionais. Um dos principais motivos para a lentidão das negociações entre os países foi o aumento da fiscalização do ministério da Agricultura e do Trabalho argentino nas lavouras locais, onde muitas vezes a mão-de-obra empregada na colheita da cebola não segue as regulamentações do governo. Assim, as atividades ficaram atrasadas e limitaram a oferta de bulbos na fronteira de Porto Xavier (RS). O menor volume do produto estrangeiro também contribuiu com a manutenção dos preços da cebola argentina, cotada a R\$ 13,16/sc de 20 kg, em média, no último mês, valor 11% superior ao praticado em março de 2005.



Redução na oferta valoriza bulbo no Sul

Preços médios recebidos pelos produtores sulistas pela cebola precoce e crioula - R\$/kg

Fonte: Cepea



Safra em Caçador termina com preços baixos



Colheita de inverno deve ser intensificada



Produtores de Caçador encerram colheita

Grande parte dos tomatocultores de Caçador (SC) finalizou a colheita da safra de verão em março e outros devem continuar colhendo o "ponteiro" até meados de abril. Nesta temporada, a maior oferta depreciou os valores praticados nas roças. Entre janeiro e março, tomatocultores da região receberam R\$ 10,03/cx de 23 kg, em média, pelo produto, queda de 26% frente ao mesmo período de 2005. Diante de preços mais baixos nesta safra, agentes especulam redução de área para a próxima temporada. Duas outras importantes regiões produtoras da safra de verão devem ter a colheita um pouco mais estendida: em Itapeva (SP), até a primeira quinzena de abril, e em Venda Nova do Imigrante (ES), até maio.



Preços podem não reagir na entressafra

Em abril, ocorre um pequeno período de entressafra de tomate. No entanto, sua curta duração não deve refletir em significativa oscilação de preços. Em março, a colheita de um bom volume de frutos com qualidade inferior (médio e "ponteiro") pressionou os valores do produto. O tomate AA, longa vida, foi comercializado a R\$ 18,73/cx de 23 kg, em média, no atacado de São Paulo (SP), em março, valor 27% mais baixo que o mesmo período de 2005.

Safra de rasteiro não deve aumentar

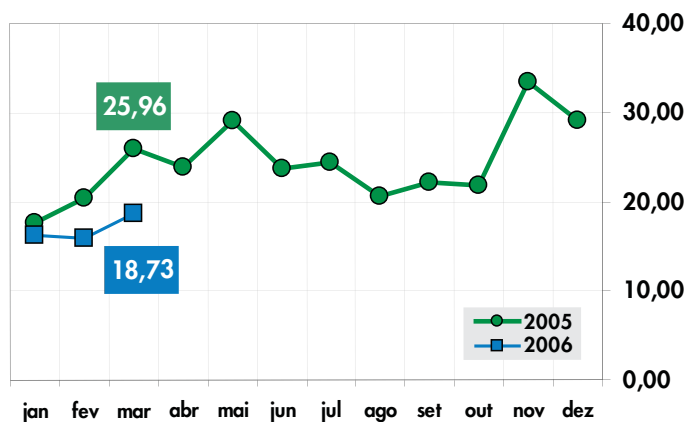
A safra brasileira de tomate rasteiro industrial deste ano deve ser igual ou, no máximo, 10% inferior à do último ano. Isso porque em 2004, a produção mundial foi 12% superior ao esperado, gerando excedente nos estoques de polpa de tomate das indústrias, que ainda não foram escoados. Em Goiás, devem ser cultivados cerca de 9,3 mil hectares; em São Paulo, 4,2 mil e, em Minas Gerais, 3 mil neste ano, segundo agentes de mercado. Apesar de este tipo de tomate não ser especialmente voltado ao consumo *in natura*, muitos tomatocultores têm plantado a variedade visando o mercado fresco. Dessa forma, caso as cotações do tomate AA, longa vida, permaneçam elevadas entre junho e

agosto - período de colheita do rasteiro -, o tomate industrial poderá ser enviado aos atacados, competindo com longa vida e, possivelmente pressionando seus valores para baixo.



De olho na safra de inverno

Em Araguari (MG), a colheita do tomate da safra de inverno começou em meados de março e deve ser intensificada na primeira quinzena deste mês. Já em Paty do Alferes (RJ) e em Sumaré (SP), onde a colheita também foi iniciada em março, a intensificação da safra está prevista apenas para a segunda quinzena de abril. Produtores de Sumaré prevêem que a maior parte da colheita local ocorra entre o final de abril e maio. Em outra importante região produtora de inverno, Mogi-Guaçu (SP), a safra deve começar timidamente neste mês. Estima-se que apenas 5% das lavouras começarão a ser colhidas em abril, e a intensificação da atividade está prevista para maio. A produtividade média esperada para as lavouras de Mogi-Guaçu é de 350 a 400 cx/mil pés. Apesar da incidência da bactéria *Xanthomona* nas mudas, que prejudica a formação das plantas, a maioria dos produtores conseguiu controlar a situação, evitando perdas e garantindo um bom desenvolvimento das lavouras.



Fonte: Cepea

Preços menores nesta safra

Preços médios de venda do tomate AA, longa vida, no atacado de São Paulo - R\$/cx de 23 kg



Safra das águas termina com saldo positivo



Começa a safra da seca



Triângulo Mineiro e Alto do Paranaíba colhem a todo vapor!

A região do Triângulo Mineiro (MG) e Alto do Paranaíba (SP) entrou em pico de safra no final de março e deve continuar com oferta elevada até a primeira quinzena de abril. As lavouras colhidas no final do último mês tiveram queda de produtividade de aproximadamente 20% em relação ao mesmo período do ano anterior. Isso se deve ao veranico que atingiu a região em meados de janeiro e perdurou por aproximadamente 20 dias. A atipicidade climática provocou déficit hídrico nas lavouras locais e não permitiu o desenvolvimento adequado dos tubérculos. Na pele das batatas, porém, não foram registrados danos.

Sul de Minas encerra a colheita das águas e inicia a da seca

A maior parte dos bataticultores do Sul de Minas Gerais finalizou a safra das águas na segunda quinzena de março. No mesmo período, outros iniciaram a colheita da seca. A expectativa é que a safra da seca local seja intensificada no início deste mês. Estima-se que a região tenha cultivado nessa safra, aproximadamente 4,2 mil hectares, área 20% maior que a do ano anterior. Parte da safra é destinada à produção de batata semente.

Mudança no calendário favorece produtores das águas

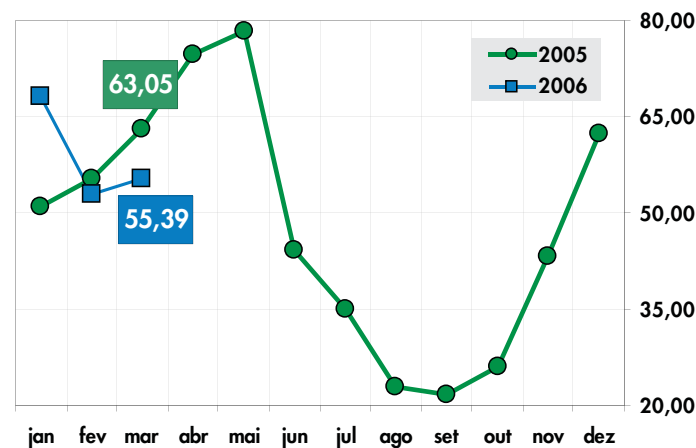
A mudança do calendário de colheita da safra das águas 2005/2006 favoreceu a manutenção dos preços no período. Entre o final de 2005 e início de 2006, era esperado um excedente de batata no mercado, sobretudo em março, devido à possível concentração da oferta do Sul de Minas Gerais e do Triângulo Mineiro (MG) e Alto do Paranaíba (SP). No entanto, os altos preços registrados no início da safra estimularam os bataticultores do Sul de Minas a antecipar a colheita e eliminar a possibilidade de excesso de oferta nos meses seguintes. Além disso, algumas lavouras do Paraná tiveram redução de produtividade contribuindo com a menor oferta. Desse modo, os valores do tubérculo mantiveram-se elevados até o fim da safra.

Páscoa pode aquecer vendas em abril

As vendas de batata podem ser intensificadas neste mês devido ao feriado de Páscoa, prevêem atacadistas. Isso porque as tradicionais receitas de “bacalhoda”, prato típico da ocasião, levam o tubérculo como ingrediente. Com isso, espera-se que o preço da batata continue elevado em abril, embora possam ocorrer variações negativas devido ao pico de oferta no Triângulo Mineiro (MG) e Alto do Paranaíba (SP).

Clima compromete produtividade no Paraná

A produtividade das lavouras do Paraná, na safra das secas, deve ser 25% inferior a de 2005 devido ao veranico que atingiu as regiões de Ponta Grossa, Castro, Curitiba e União da Vitória. A falta de água no solo comprometeu a brotação do “tubérculo mãe”, reduzindo o estande das lavouras. As duas primeiras regiões citadas produzem um significativo volume de batata para a indústria. Entre abril e maio, produtores locais devem colher cerca de 70% da área cultivada na safra da seca. Já na região de Guarapuava (PR), não houve significativos prejuízos climáticos durante o plantio da safra da seca, realizado entre janeiro e fevereiro.



Preço sobe com fim da safra das águas

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea



O SOL NASCEU PARA TODOS!



BATATA



TOMATE



SOJA



MILHO



TRIGO



FEIJÃO

Chegou **ENGEO PLENO**: a nova estrela da **Syngenta** para o controle de pragas. Um inseticida multicultura feito sob medida para quem quer uma lavoura saudável e safras da melhor qualidade.



*Você quer. Você pode.
A agricultura precisa.*

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo



Venda sob receituário agrônomo



C.a.s.a. 0800 704 4304

CENTRO AVANÇADO SYNGENTA DE ATENDIMENTO
DÚVIDAS - SUGESTÕES - EMERGÊNCIAS



www.syngenta.com.br

Preço da nanica catarinense sobe, finalmente!



Aumentam os embarques para a União Européia

Preços sobem em Santa Catarina

A crise da bananicultura catarinense pode ter chegado ao fim. Desde outubro de 2004, os valores recebidos por produtores de nanica do estado mantêm-se abaixo de R\$ 3,00/cx de 22 kg. No último mês, porém, a variedade foi comercializada a R\$ 3,06/cx de 22 kg, em média, alta de 84% frente ao mês anterior. A valorização esteve relacionada à menor oferta na região e em outras importantes áreas produtoras, como o Vale do Ribeira. A previsão é que o preço fique acima de R\$ 3,00/cx de 22 kg pelo menos até junho, quando começa a safra dessa variedade no norte catarinense. Entretanto, a redução dos tratos culturais nos últimos meses provavelmente implicará em menor oferta no período, contribuindo com a manutenção dos preços em patamares superiores aos de 2005.

Mesmo com preços mais altos, rentabilidade do produtor catarinense continua baixa

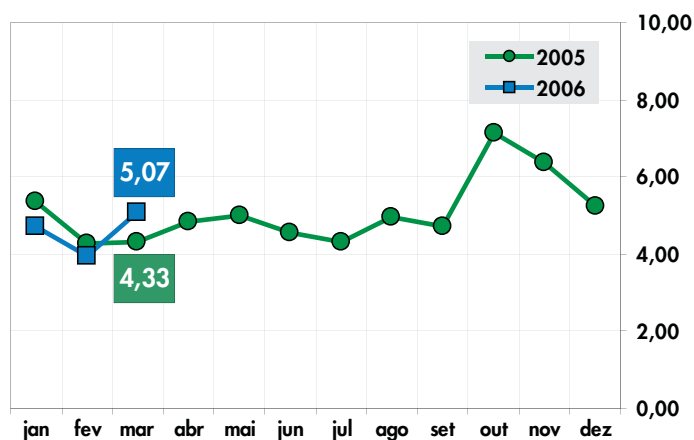
A alta dos preços da nanica no norte de Santa Catarina não deve reverter o quadro de descapitalização dos produtores locais no curto prazo. Isso porque a oferta é muito baixa na região, de modo que os bananicultores recebem valores altos, mas comercializam volumes muito pequenos, o que limita os ganhos. Além disso, o período de baixos preços foi muito longo, de modo que os alguns produtores acumulam prejuízos há mais de um ano. Em 2005, as menores cotações estimularam as vendas catarinenses para o Mercosul e nos dois primeiros meses deste ano, as exportações para o bloco cresceram 19%, em volume, frente ao mesmo período de 2005, segundo a Secex. Contudo, a escassez de nanica no mercado interno pode comprometer as vendas do estado para o Mercosul.

Começa a safra da poncã

No final de abril, começa a safra da poncã. Contudo, como a disponibilidade da tangerina deve ser restrita neste mês, a previsão é que seu impacto sobre as vendas da banana seja limitado.

Vendas para a União Européia iniciam o ano em alta

No primeiro bimestre deste ano, o volume de banana brasileira enviado à União Européia foi 52% superior ao exportado ao bloco no mesmo período de 2005, segundo a Secex. Em receita, o crescimento foi de 56% no período. Ainda é cedo para avaliar, mas alguns agentes acreditam que o crescimento das vendas ao bloco pode estar relacionado à mudança no sistema de importações de banana da União Européia. Desde o início do ano, a fruta brasileira entra na Europa com tarifa única de 176 euros por tonelada, cobrança bastante inferior aos 680 euros praticados até 2005 para cada tonelada superior à cota brasileira enviada ao bloco. Para as grandes exportadoras nacionais, a mudança estimula o aumento dos embarques e deve refletir em aumento da participação da fruta brasileira no mercado europeu. Além disso, no acordo firmado entre nove países latino-americanos e a União Européia, no final do último ano, ficou estabelecida a possibilidade de se rever o valor da taxa de importação da fruta - a data da nova negociação ainda não foi estabelecida. Exportadores brasileiros pleiteiam que a tarifa européia fique a 75 euros por tonelada, a fim de estimular novos investimentos no setor.



Fim da safra no Vale do Ribeira

Preços médios recebidos pelos produtores de nanica do Vale do Ribeira (SP) - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea



Menor oferta deve valorizar formosa



Falta de fruta pode limitar exportações



Formosa em alta neste mês



As altas temperaturas e baixas precipitações entre dezembro de 2005 e fevereiro de 2006 aceleraram o ciclo produtivo do formosa. Assim, as lavouras do fruto do Espírito Santo, sul e oeste da Bahia devem entrar em "pescoço" em abril, limitando a oferta. De acordo com produtores, outro fator que deve restringir ainda mais o volume colhido neste mês é a erradicação de um grande número de pés da variedade na região de Pinheiros (ES), em virtude da infecção do mosaico. Com o aumento do volume de chuva em março, muitos produtores deixaram de pulverizar as roças, favorecendo o desenvolvimento e a disseminação do pulgão transmissor do vírus do mosaico nas plantas. A previsão é que a menor oferta da variedade dure cerca de 60 dias. Assim, o formosa, que vinha registrando preços muito inferiores aos praticados no ano passado, poderá se valorizar neste mês.



Menor oferta deve sustentar preços do havaí



A menor oferta de havaí deve contribuir com novas valorizações da fruta em abril. O calor e baixa incidência de chuva nas principais regiões produtoras nos últimos meses provocou aumento da produção entre janeiro e março deste ano, de modo que restaram poucas frutas para serem colhidas neste mês. Em março, o havaí, tipo 12-18, foi comercializado a R\$ 0,45/kg, em média, nas lavouras do Espírito Santo, alta de 67% frente ao mês anterior. A reação dos preços no último mês esteve relacionada ao aquecimento da demanda pelo produto nos principais atacados do País.



Exportações comprometidas por menor oferta

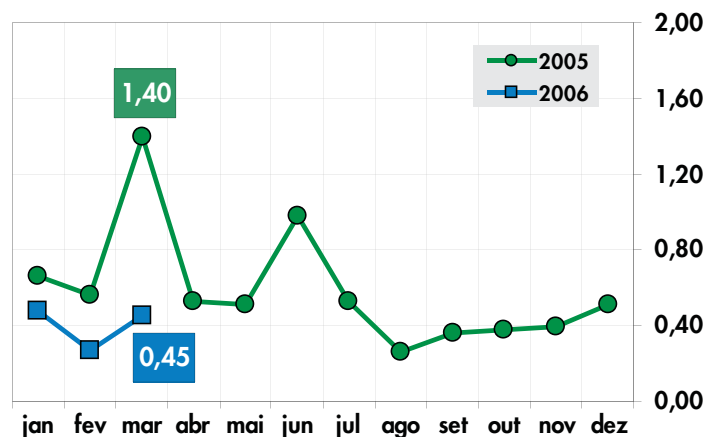
A elevação das temperaturas na Europa e Estados Unidos, decorrente da aproximação do verão no Hemisfério Norte, contribuiu com o aumento dos pedidos internacionais de mamão. No entanto, a expectativa de redução da colheita do fruto nas próximas semanas deve trazer dificuldades para os exportadores que precisam completar cargas para o embarque. Eles, possi-

velmente, deverão recorrer à compra da produção de outros produtores, o que deve impulsionar ainda mais os preços da fruta no mercado interno.



Primeiro trimestre de 2006 tem balanço negativo

Apesar da alta de preços no último mês, o primeiro trimestre de 2006 não foi positivo para produtores de mamão. Os baixos valores praticados para o formosa e o havaí descapitalizaram e frustraram muitos agentes que apostavam em um panorama melhor. No acumulado de janeiro a março deste ano, o havaí, tipo 12-18, foi comercializado em média a R\$ 0,40/kg, nas lavouras do Espírito Santo, queda de 45% frente ao mesmo período do ano anterior. Acredita-se que a elevação do número de pés em produção - áreas plantadas em anos anteriores que se tornaram comercialmente viáveis neste -, o aumento de área plantada em geral e entrada de novos produtores no mercado tenham sido os principais fatores para a desvalorização do fruto neste início de ano. Além disso, as altas temperaturas em janeiro e fevereiro no Espírito Santo, sul e oeste da Bahia aceleraram o desenvolvimento das frutas, elevando a oferta. Com a menor produção prevista para abril, a expectativa é de preços mais altos.



Menor oferta valoriza havaí

Preços médios recebidos pelos produtores do Espírito Santo pelo mamão havaí, tipo 12-18 - R\$/kg

Fonte: Cepea

Vale do São Francisco intensifica colheita



Rio Grande do Norte e Ceará preparam a safra

Começam as negociações de contratos no Rio Grande do Norte e Ceará

Neste mês, produtores de melão do Rio Grande do Norte e Ceará iniciam as negociações dos contratos para a exportação do fruto à União Européia. Somente depois de definidos o volume a ser embarcado e o valor da fruta, melonicultores locais iniciam o plantio. É também através dessas negociações que se define o calendário de embarque do melão, visando garantir a regularidade na entrega do produto na Europa e evitar concentração ou falta do fruto em certos períodos. Mesmo com a valorização do dólar frente ao Real, no final de março, a moeda norte-americana continua em patamar inferior ao previsto por agentes do setor, de modo que os valores fixados nos contratos em dólar deste ano devem ser novamente reajustados. Em abril de 2005, o preço estabelecido nessas negociações foi elevado em aproximadamente 15%, frente a 2004 para compensar a previsão de queda no câmbio para aquele ano. No entanto, esse reajuste não foi suficiente para compensar a desvalorização do dólar, pois os cálculos dos produtores previam que a moeda norte-americana permanecesse a R\$ 2,70, ao passo que a média registrada na safra foi de R\$ 2,40/US\$.

Exportadores buscam novos mercados para a fruta nacional

Alguns exportadores de melão do Rio Grande do Norte e Ceará estão buscando novos mercados como alternativa para a exportação do fruto. Os países que vêm se destacando nesse sentido são os Estados Unidos e o Canadá. Na última safra (setembro de 2005 a fevereiro de 2006), foram enviadas 863 toneladas do fruto ao mercado norte-americano, aumento de 410% frente ao total embarcado ao país na temporada anterior. Para o Canadá, o crescimento dos embarques no período foi menos significativo: 8%, totalizando 571 toneladas na safra 2005/06.



Preços baixos preocupam produtores

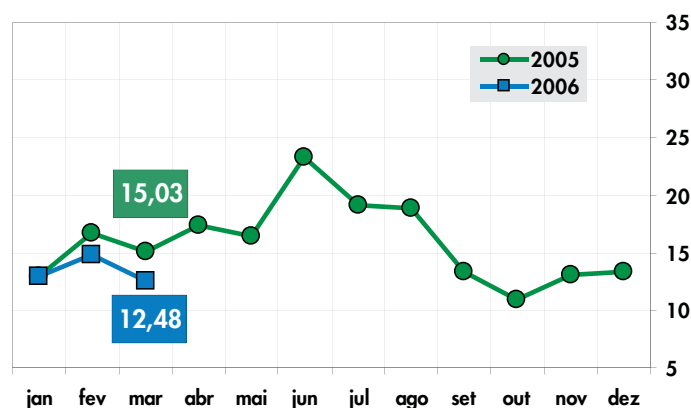
Contrariando a previsão realizada na edição anterior, os preços do melão amarelo continuaram em queda no atacado em março. O principal motivo para a redução

dos valores foi a continuidade da colheita no Rio Grande do Norte e Ceará, que deveria ter sido encerrada no início do último mês. Além disso, na segunda quinzena de março, boa parte do fruto apresentou avarias como semente solta e problemas no talo, em virtude da chuva que atingiu a região no último mês. O melão amarelo, tipo 6 e 7, foi comercializado a R\$ 12,48/cx de 13kg, em média, nas lavouras do Rio Grande do Norte e Ceará, em março, queda de 18% frente ao mês anterior.



Vale do São Francisco intensifica colheita

A safra de melão do Vale do São Francisco deve ser intensificada neste mês. Alguns produtores já haviam iniciado a colheita do fruto em março, mas, diante de baixos preços e das chuvas, muitos preferiram reduzir o ritmo das atividades no campo, deixando a maior parte da produção para este mês. A previsão é que cerca de 2 mil hectares sejam cultivados com melão neste ano, área praticamente estável frente à da temporada anterior. Produtores acreditam em valorização do melão neste mês, pois as chuvas de março prejudicaram os frutos da Chapada do Apodi (RN) e Baixo Jaguaribe (CE), de modo que alguns produtores que planejavam manter a produção mesmo na entressafra devem paralisar suas atividades, retornando ao mercado apenas em maio.



Maior volume desvaloriza melão do Rio Grande do Norte e Ceará

Fonte: Cepea

Preços médios recebidos pelos produtores do Rio Grande do Norte e Ceará pelo melão amarelo, tipo 6 e 7- R\$/cx de 13 kg

Termina a safra em São Paulo



Exportações para a Europa devem aumentar



Fim da safra do Peru deve favorecer exportações brasileiras

Ao contrário do que se previa, não houve aumento significativo nas exportações de manga brasileira para a Europa no último mês. No início de março, o Peru intensificou suas vendas, principalmente da kent, ao mercado europeu a valores mais competitivos que os da fruta do Brasil. Isso desvalorizou a manga na União Européia e, na opinião de alguns exportadores, inviabilizou as exportações nacionais. Outro ponto negativo para os embarques da fruta brasileira é a valorização do Real frente ao dólar e ao euro, o que limita ainda mais a rentabilidade do setor. Para abril, as previsões são mais otimistas, visto que as exportações do Peru com destino ao mercado europeu devem ser finalizadas, facilitando a entrada da manga brasileira na Europa. No mesmo período, a oferta de manga no Nordeste brasileiro deve aumentar, contribuindo com o embarque de um volume maior da fruta nacional para o bloco. No acumulado entre janeiro e fevereiro deste ano, foram enviadas 8.550 toneladas de manga brasileira ao mercado europeu, volume praticamente igual ao embarcado no mesmo período de 2005, segundo a Secex. Em março, a tommy brasileira enviada à União Européia foi comercializada nas roças de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) a R\$ 0,84/kg, em média, preço 22% menor que o de março de 2005.



Termina a safra 2005/06 em São Paulo

No início deste mês foi encerrada a safra de manga no estado de São Paulo. Produtores classificam esta temporada como razoável, visto que a menor procura pela fruta neste ano e a competição com a manga nordestina no Sudeste impediram que os preços reagissem conforme esperado. Nesta safra, a tommy paulista foi comercializada a R\$ 0,29/kg, em média, na roça, queda de 21% em relação à anterior. A keitt foi comercializada a R\$ 0,32/kg, em média, nas roças paulistas nesta temporada, praticamente estável frente a 2005. Já a palmer teve valorização de 40% nesta safra, mas ainda assim, os preços foram inferiores às expectativas dos produtores, que contavam com altas mais significativas com a quebra da safra da variedade.



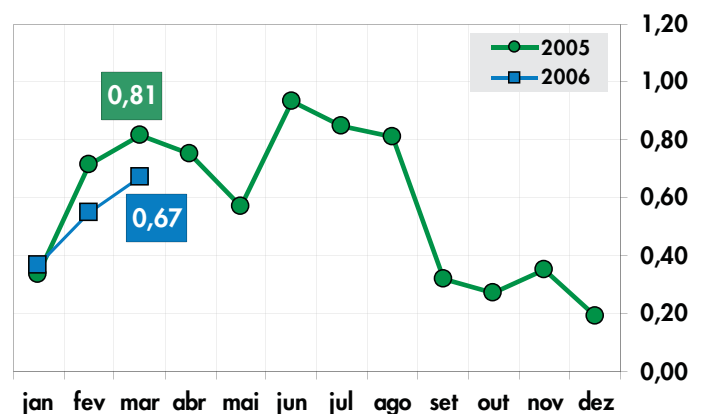
Japoneses elevam importações

As exportações de manga com destino ao Japão fecharam o primeiro bimestre deste ano com 86 toneladas embarcadas, segundo a Secex, volume 10 vezes superior ao total enviado ao país durante o primeiro bimestre de 2005. Nos próximos meses os envios da fruta brasileira ao mercado japonês devem ser paralisados. A previsão é que as vendas para o país sejam retomadas apenas em meados de setembro. Exportadores nacionais acreditam que o volume embarcado ao Japão no segundo semestre deste ano deve continuar elevado, visto que os embarques começarão mais cedo neste ano: em setembro.



Aumenta a oferta no Nordeste

Neste mês, o volume de manga colhida no Vale do São Francisco deve aumentar. Produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) esperam por um volume considerável da fruta a partir da segunda quinzena de abril. Em março, produtores da região receberam R\$ 0,67/kg, em média, pela tommy destinada ao mercado interno, alta de 21% em relação a fevereiro. Em Livramento de Nossa Senhora (BA), contudo, a oferta deve aumentar apenas em maio. No último mês, a tommy foi comercializada a R\$ 0,65/kg, em média, nas roças de Livramento de Nossa Senhora.



Entressafra valoriza tommy no Vale do São Francisco

Preços médios recebidos pelos produtores do Vale do São Francisco pela tommy - R\$/kg

Fonte: Cepea



Paraná intensifica a colheita



Vale do São Francisco inicia safra e embarques



Safra paranaense é intensificada

A safra de uva com e sem sementes do Paraná foi iniciada em março. No entanto, é a partir deste mês que a oferta deve ser intensificada. Para o início da temporada, a previsão é de uma colheita significativa, mas, entre maio e junho, a produção pode ser cerca de 30% inferior ao esperado, devido à chuva na região entre fevereiro e março, que prejudicaram as últimas podas. Além disso, no período da florada, houve infestação de míldio na maioria das propriedades, induzindo o abortamento das flores. Dentre as variedades sem sementes, a mais plantada na região neste semestre foi a clara, que apresentou boa adaptação às condições de clima e solo paranaenses e foi bem aceita pelos consumidores na safra anterior. Já a oferta da morena e da linda deve ser menor, em função dos abortamentos ocasionados pela chuva. Produtores acreditam que o preço da Itália deva se manter próximo ao praticado nos últimos meses. Em março, a uva Itália foi comercializada a R\$ 1,58/kg, em média, nas roças paranaenses.



Começam embarques do Vale do São Francisco

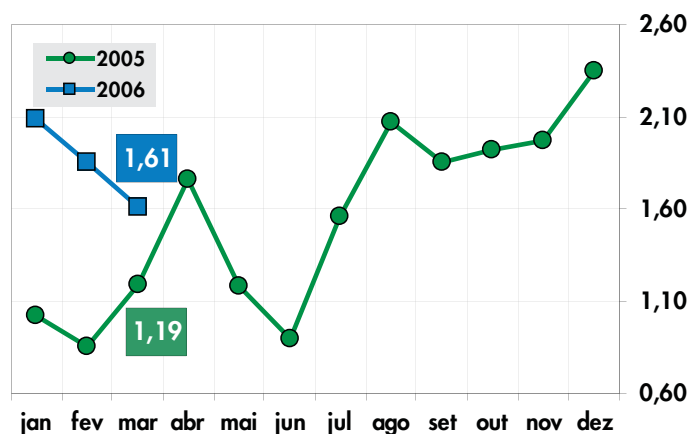


A colheita da Itália melhorada (*muscat*) voltada à exportação para o mercado europeu deve ser intensificada neste mês, no Vale do São Francisco. Também em abril, começa a colheita das uvas sem sementes como a *thompson*, a *ribi* e a *crimson*. Embora a chuva de março tenha prejudicado a qualidade da uva e provocado perdas em volume, é esperada uma oferta superior à de 2004, - quando houve significativa quebra de safra na região. No entanto, muitos viticultores podaram menos parreirais de uvas sem sementes neste semestre, uma vez que essas variedades são mais sensíveis à chuva típica do período. Em abril, o Chile e a África do Sul já terão finalizado boa parte da colheita, mas algum volume ainda poderá estar estocado no mercado europeu, concorrendo com as uvas sem sementes brasileiras, principalmente com a *crimson*. No primeiro semestre de 2005, os embarques nacionais de uva superaram 10 mil toneladas. Para este ano, a previsão é que os embarques sejam semelhantes ou superiores aos de 2005



Termina a safra de Pilar do Sul e São Miguel Arcanjo

Alguns produtores de São Miguel Arcanjo (SP) e Pilar do Sul (SP) finalizaram a safra de uva em março e outros devem continuar colhendo o produto até meados de abril. No último mês, um volume significativo de uva foi colhido nessas regiões e os preços recebidos pelos produtores pela fruta na roça, mantiveram-se estáveis, fechando na média de R\$ 1,50/kg para a Itália, R\$ 1,60/kg para a rubi e a R\$ 1,80/kg para a benitaka. Muitos viticultores preferiram aguardar por melhores valores e deixaram de comercializar a fruta, mesmo madura, em março. No entanto, as constantes chuvas do último mês depreciaram a uva e ocasionaram perdas decorrentes de rachaduras, baixo *brix* e podridão. Apesar de os preços recebidos pelos produtores nesta safra terem ficado acima dos praticados no último ano, produtores de São Miguel Arcanjo e Pilar do Sul alegam que a rentabilidade permaneceu abaixo do esperado, pois, o volume comercializado neste ano foi muito inferior ao de 2005 devido à quebra de safra de 30 a 45% frente ao previsto no início da temporada. Neste ano, as variedades mais procuradas foram a Itália e a rubi, enquanto a Brasil teve baixa demanda. Alguns produtores estão descapitalizados e devem diminuir a área de cultivada nas próximas safras.



Aumento da colheita pressiona valores da uva

Preços médios recebidos pelos produtores pela uva Itália - R\$/kg

Fonte: Cepea

2006

13ª EDIÇÃO

Evento destinado aos produtores
de frutas, flores, hortaliças
e mudas em geral.

HORTITEC



Exposição Técnica de Horticultura, Cultivo Protegido e Culturas Intensivas

de 21 a 24 de junho
de quarta a sexta - das 9 às 19 horas
sábado - das 9 às 15 horas



Paralelamente:

Eventos de Capacitação em Horticultura

Organização:

RBB
PROMOÇÕES & EVENTOS

Exposição:
Tel/Fax: (19) 3802 4196
hortitec@hortitec.com.br

Local:
Recinto da Expoflora
Al. Maurício de Nassau, 675
Holambra - SP

Acesso:
Rodovia Campinas-Mogi Mirim, km 141

Evento de Capacitação



www.flortec.com.br
Tel/Fax: (19) 3802 2234
flortec@flortec.com.br

Patrocínio:



Apoio:



Prefeitura Municipal da Estância
Turística de Holambra



**Suco ultrapassa
US\$ 2 mil
em Nova York**



**Colheita das
precoce pressionou
valores da pêra**



Suco supera US\$ 2 mil/t em Nova York

Os preços do suco de laranja concentrado e congelado no mercado internacional atingiram, em 05 de abril, o mais alto patamar dos últimos 15 anos na bolsa de mercadorias de Nova York (Nybot): US\$ 2.166,70/t. A elevação dos preços externos está relacionada à redução da oferta do produto nos Estados Unidos. Além disso, um estudo realizado pela Universidade da Flórida projeta uma forte redução da produção norte-americana no longo prazo. Estimativas mais pessimistas apontam que a safra anual de laranja da Flórida deve diminuir para 123 milhões de caixas nos próximos 15 anos, queda de 44% sobre a média produzida no estado entre 1994 e 2004. A projeção do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), de 14 de março, aponta que a Flórida deve colher cerca de 154 milhões de caixas nesta safra. A menor produção desta temporada está relacionada ao alastramento de doenças no estado. Considerando que o consumo anual de suco dos Estados Unidos é de aproximadamente 200 milhões de caixas e que as previsões da Universidade da Flórida se confirmem, o país deve continuar importando o produto brasileiro e de outras origens nos próximos anos. Os valores mais altos no mercado futuro reforçam a tendência de renegociação dos contratos fixados entre produtores e indústrias no Brasil nas últimas temporadas. O intervalo de preços das negociações realizadas em 2005 é de US\$ 2,80 a US\$ 3,80/cx de 40,8/kg para a fruta entregue no portão. Agentes do setor defendem, diante do atual cenário, que os valores da laranja para a indústria deveriam estar acima de R\$ 10,00/cx de 40,8/kg. Até o final de março poucos produtores haviam renegociado seus resultados.



Suco bate US\$ 1.750/t na Europa

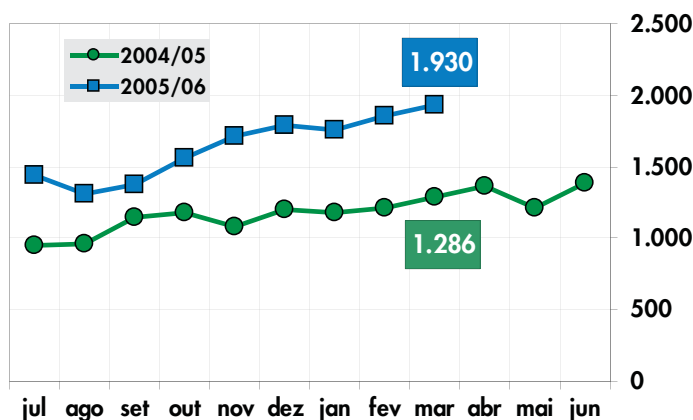
Os preços do suco de laranja congelado e concentrado, em Roterdã, estão praticamente duas vezes maiores que os praticados na temporada anterior. O produto era cotado a cerca de US\$ 900,00/t, em 2004/05 naquele porto, segundo a publicação britânica *FoodNews*, e chegou a US\$ 1.750/t em fevereiro deste ano. Dependendo da fórmula estabelecida nos

contratos de participação na safra 2005/06, o acréscimo pode chegar a US\$ 0,80/cx de 40,8 kg, considerando como base o piso de participação de US\$ 1.100,00/t e o valor médio de venda do suco em Roterdã entre junho de 2005 e fevereiro de 2006 de US\$ 1.500,00/t, segundo a *FoodNews*. No entanto, o valor de venda do produto pela indústria paulista no mercado europeu pode ser diferente do divulgado pela *FoodNews*. Assim, o produtor pode obter participação diferente no fechamento da safra 2005/06, em junho.



Começa a safra das precoces

Em março, citricultores do estado de São Paulo iniciaram a colheita das variedades precoces hamlin e westin. A maior disponibilidade dessas frutas pressionou o valor da pêra. De modo geral, a colheita dessas variedades deve aumentar na segunda quinzena de abril, quando grande parte dos frutos deve atingir maturação ideal. A safra da lima e da baía (frutas de meia-estação) também já começou, mas o volume ainda não é representativo. O mesmo vale para a poncã, que já começou a ser colhida em municípios da região central do estado, mas ainda apresenta aspecto verde. O aumento da disponibilidade da poncã deve ocorrer entre maio e junho.



Suco em alta no mercado futuro

Preços médios do principal contrato de negociação vigente para o suco de laranja congelado e concentrado, na Bolsa de Mercadorias de Nova York - US\$/t

Fonte: Nybot



Deve-se investir em qualidade para garantir a presença da fruta brasileira no exterior

Entrevista: **Marcelo O. Sambiasi**

Marcelo O. Sambiasi é fundador e diretor geral da HispaFrutar Sudamerica PCL, empresa responsável pela aquisição e envio de frutas e vegetais do Brasil, Peru, Chile e Argentina para as importadoras Hispafruit, da Holanda, e Frutar, de Portugal. Formado em Comércio Internacional pela Universidade Champagnat, da Argentina, Sambiasi se preocupa em consolidar fornecedores a fim de manter a oferta à Europa ininterrupta, principalmente para produtos como manga e uva, exportados ao bloco praticamente durante todo o ano.

Hortifruti Brasil: *Você acredita que a comercialização mundial de frutas e hortaliças continuará crescendo nos próximos anos ou este mercado está se estabilizando?*

Marcelo O. Sambiasi: Acredito que a comercialização de frutas e hortaliças seguirá crescendo em diversas regiões, já que países como a Argentina, Chile, Brasil e Peru – tradicionais fornecedores do mercado europeu –, vêm aumentando o plantio, principalmente de variedades com maior procura internacional. Além disso, há certas variedades que nunca deixarão de ser demandadas como a pêra *williams*, a

uva sem semente e o limão *eureka*, da Argentina; a maçã *royal gala*, a uva *thompson* e o kiwi *hayward*, do Chile; a manga *tommy*, o melão *galia*, a uva *festival*, do Brasil e a manga *kent*, a uva *thompson*, a uva *red globe*, do Peru. A comercialização destes produtos tende a crescer na Europa.

Hf Brasil: *Quais as frutas e hortaliças não listadas nos TOP 10 Hortifruti, da Hortifruti Brasil, têm potencial no mercado europeu?*

Sambiasi: Considerando os produtos fornecidos pelo Brasil, a manga *tommy*, o melão *galia*, a uva sem se-

mentes e a maçã *royal gala* certamente têm potencial de crescimento no mercado Europeu. Quanto às hortaliças, nada posso te afirmar, já que a HispaFruit não trabalha a importação desses produtos na América do Sul.

Hf Brasil: *Quais frutas e hortaliças listadas nos TOP 10 Hortifruti, da Hortifruti Brasil, não têm potencial no mercado europeu?*

Sambiasi: O melão e a manga tendem a ser importados com mais cautela. Produtores do Brasil, Peru, Equador e Costa Rica colhem mais e mais a cada ano e devem saber que acabam

Linha Tomate

Produtos TOP para uma cultura de qualidade.

FOCUS®



HOKKO DO BRASIL agora é

Arysta LifeScience

prejudicando seus próprios mercados, uma vez que isso provoca a redução dos preços da fruta no mercado internacional em função do excesso de oferta.

Hf Brasil: *Como está a demanda por produtos brasileiros na União Européia? Qual a maior dificuldade que vocês (importadores) enfrentam para adquirir os produtos brasileiros?*

Sambiasi: A HispaFrutar América do Sul tem uma demanda regular por produtos brasileiros ao longo de quase todo o ano. A dificuldade mais habitual para importarmos frutas e hortaliças do Brasil é, em muitos casos, a qualidade, que é pouco uniforme. No caso da manga, por exemplo, recebemos uma grande parte dos lotes em boa condição, mas há também uma parcela dos embarques com avarias, doenças decorrentes de chuvas e má aparência. Além disso, exigimos que todos os nossos fornecedores sejam certificados pelo EurepGap. Sem eles não podemos trabalhar.

Hf Brasil: *Há espaço para a entrada de frutas brasileiras de clima temperado na Europa ou a concorrência com tradicionais produtores dessas frutas é muito*

acirrada no mercado internacional?

Sambiasi: Normalmente os tradicionais produtores de frutas temperadas são bastante competitivos no mercado internacional, sim. Neste caso, o Brasil deve aproveitar algumas janelas ou

Produtores (de melão e manga) colhem mais e mais a cada ano e devem saber que acabam prejudicando seus próprios mercados

nichos de mercado especiais, como é o caso da uva festival que chega ao mercado europeu em um período em que praticamente não há outro fornecedor do produto no mercado europeu. Isso garante também bons preços para a fruta.

Hf Brasil: *E quanto ao mercado de frutas tropicais? Há espaço para a*

entrada de um volume maior do produto brasileiro na Europa? Você acredita que os europeus estão consumindo mais frutas tropicais nos últimos anos?

Sambiasi: O consumo de todo tipo de frutas está aumentando na Europa, inclusive o das tropicais. Isso pode ser atribuído a uma mudança nos hábitos alimentares dos cidadãos europeus, que acreditam que a ingestão de frutas é mais saudável que a de outros produtos. Acredito que os principais influenciadores desse novo padrão de consumo são as diversas campanhas que promovem a alimentação saudável realizadas na Europa em programas de rádio e televisão.

Hf Brasil: *Você acha que o Brasil tem alguma vantagem competitiva na exportação de frutas?*

Sambiasi: O Brasil tem que continuar atendendo ao mercado europeu independente do comportamento e da vastidão de seu mercado interno. Os produtores devem manter suas marcas e seu padrão de qualidade, pois é o prestígio da fruta que permitirá que o Brasil continue sendo mundialmente reconhecido pelo seu produto em anos de desvalorização.



Sempre há mercado para frutas e hortaliças de qualidade

Entrevista: Bonnie Lundblad

Bonnie Lundblad é representante de vendas da importadora norte-americana Sunny Valley International. Formada em Publicidade e Propaganda e em Comunicações pela Universidade de Michigan, Bonnie tem 20 anos de experiência na comercialização de frutas e vegetais.

Hortifruti Brasil: *Você acredita que a comercialização internacional de frutas e hortaliças continuará crescendo nos próximos anos ou este mercado está se estabilizando?*

Bonnie Lundblad: Há sempre um gran-

de mercado para qualquer tipo de fruta e hortaliça, desde que seja de excelente qualidade. Nos Estados Unidos, porém, as condições climáticas nas regiões produtoras dificultam a obtenção de hortifrutícolas com essa excelente qualidade.

Se há falta de oferta de certo produto nos Estados Unidos, certamente haverá espaço para a entrada daquele produzido em outras origens. E se esse produto apresentar qualidade superior, com certeza haverá demanda por ele.

**Nova
Formulação!**



**Fique tranquilo...
a chuva passa e Dithane* NT fica!**

Protege
Batata



Protege
Tomate



Protege
Uva



Dithane* NT

**continuará protegendo sua plantação,
mesmo depois da chuva!**

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por pessoas de idade inferior a 18 anos.
Consulte sempre um engenheiro agrônomo.
Venda sob receita agrônoma.



Dow AgroSciences
www.dowagrosciences.com.br

DuPont™ Midas BR® fungicida

O fungicida superprotetor, agora para a cultura do mamão.

A DuPont lançou Midas BR®, seu fungicida superprotetor, para o mamão. Confira as vantagens que ele oferece a você:

- **Amplo espectro de ação** na prevenção da Antracnose do mamoeiro
- **Mais resistente à lavagem pela chuva** – evita perdas na aplicação
- **Superproteção** – maior aderência à camada lipídica da folha
- **Dois princípios ativos, diferentes modos de ação** – ideal para o gerenciamento de fungos resistentes
- **Carência de apenas 7 dias**
- **Seletividade à cultura**
- **Formulação granulado dispersível em água e embalagens modernas** – que facilitam a armazenagem, o manuseio e o descarte
- **Dois opções de embalagem** – saquinhos de 320 g ou 3,2 kg



Os milagres da ciência

© Copyright 2006-2007, DuPont do Brasil S.A. - Todos os direitos reservados.



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônômico.



0800 701-0109



www.ag.dupont.com.br